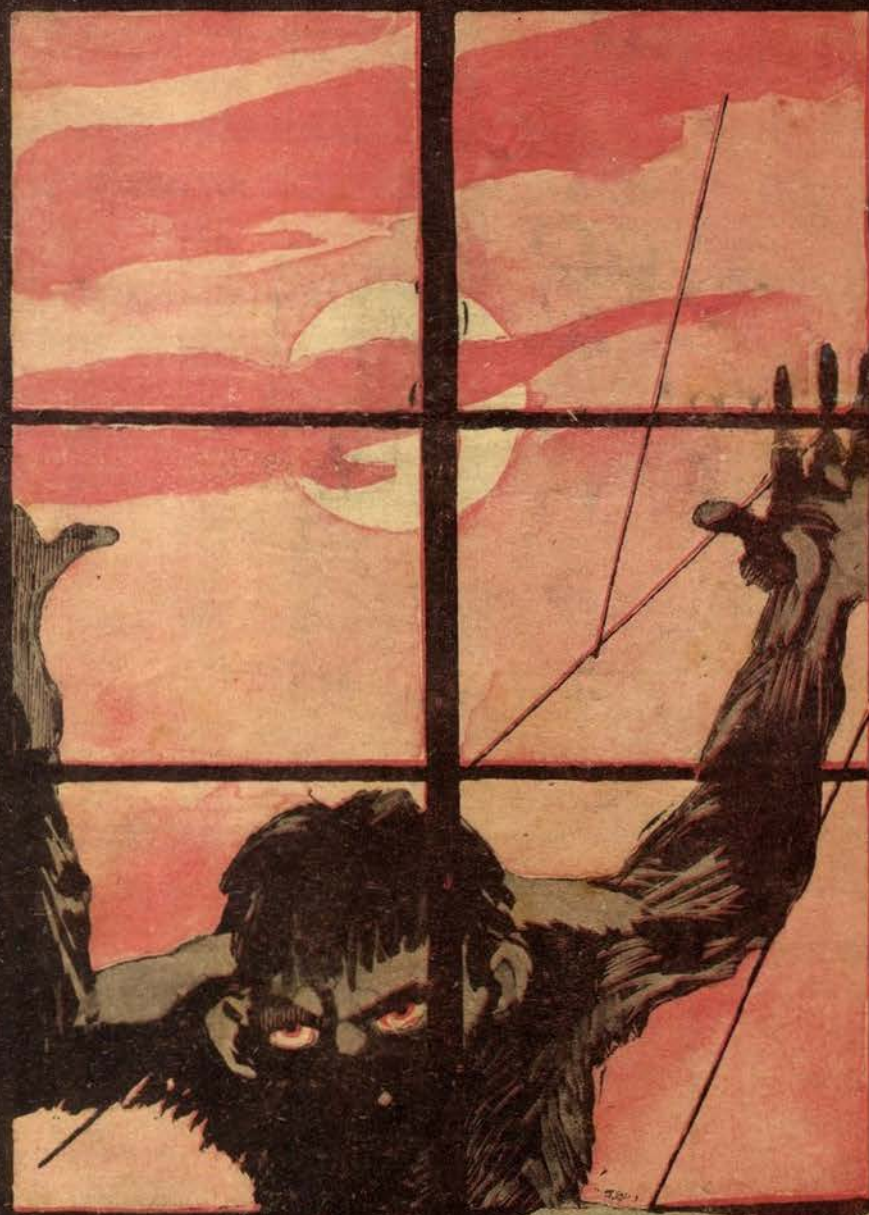


1 de Abril  
de 1932

# o repórter

um escudo  
semônário das grandes reportagens



**PAGEOL**

Conselho dum velho galo  
à seu fillo

Tema  
Pageol



Cystites  
Urétrites  
Prostatites

**ENERGICO ANTISEPTICO**

**PIM!** 5 mezes  
O Cochio

**PAM!**

2  
SESSÕES **PUM!**

A RAINHA DAS REVISTAS

— NO —

**Teatro Variedades**

**Reporter X**

continua escrevendo os seus  
artigos com canetas

**EAGLE**

Fotogravura, Tricomia,  
Bicromia, Zincogravura  
e desenho

Executam-se com a maxima perfeição na

**FOTOGRAVURA  
NACIONAL L<sup>DA</sup>**



Rua da Rosa, 273.  
LISBOA  
TELEF-20958

Descontos especiais em  
gravuras para jornais e  
revistas.

**Teatro Avenida**

Todas as noites—às 9 1/2

Um grandioso sucesso da Companhia  
**Estevão Amarante**

Tradução de Feliz Bermudes. João  
Bastos, musica Wenceslau Pinto

**O BOM LADRÃO**

Protagonista (Arde Vignon)  
**Amarante**

Preços populares

Todas as noites

**Teatro Avenida**

**“GARANTIA”**  
COMPANHIA DE SEGUROS  
(FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00  
Reservas em 31 de Dezembro de 1927  
Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da “GARANTIA” devem  
ter sempre em vista que nenhuma outra  
Companhia lhes pode oferecer maiores  
vantagens: o seguro de vida obedece à  
sistemática e esta é uma só. O que os  
segurados devem exigir é a existência  
da Companhia, e, neste ponto, a “GA-  
RANTIA”, tem a escuda-la o seu passado.

SÉDE

Rua Ferreira Borges, 37—PORTO  
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14  
Casa Baucaria Souza, Cruz & C.a, L.da

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71  
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

**Mannheimer V. G.**

SEGUROS DE AUTOMÓVEIS  
TELEFONE 23533

L. Barão de Quintela. 11-2.º

**Preferam sempre  
os produtos da**

**Leitaria da Quinta  
do Paço**

**Praça Guilherme Gomes  
Fernandes**

PORTO

**Auto Estefania  
Stand**

**Venda e troca de  
Automoveis usados**

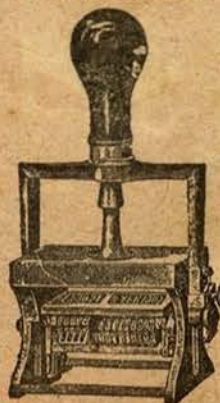
Telefone. 3134

**Rua Alexandre Braga, 27**

**ESTEFANIA**

**A. C. MUSGUEIRA GRAVADOR**

Carimbos  
—  
Numeradores  
—  
Datadores  
—  
Sinetes  
(latre e roupa)  
—  
Letreiros de  
Chapas de ferro  
esmaltado



Sêlos em branco  
para repartições  
de estado, juntas  
etc.  
—  
Tintas  
—  
Almofadas  
—  
Caixas de tipo  
de  
borracha

70, R. Augusta, 70 LISBOA

# Homens & Factos do Dia

## O caso da Morgada da Apariça e os 50 contos de Satanaz

NESSE caso da «Morgada da Apariça» que iniciamos — e que estamos longe de dar por esgotado — existem dois aspectos que me interessa holofotear — ou antes destacar neste tablado especial da gazeta — que é como que o meu confessorio para o publico. Será até um modo de não romper o fio á meada, enquanto o nosso redactor a que o alfaire está confiado, não reunir os elementos que me prometeu para continuar esta obra de hygiene — o que será já no proximo numero... Um desses aspectos tem a largueza dum problema social; o outro, sendo pitorescamente — lametavelmente humano — é apenas... pessoal...



Vejamos o primeiro... Todo aquele carroussel de interesses e manigancias, de lutas e correrias, de sofreguidões e de expedientes — gira à volta duma imensa fortuna — da fortuna da morgada. Qual é o dinamio que move essa agitação convulsa e aritmica? A ambição — ou o direito, legítimo ou suposto, de parentes ou amigos, de herdeiros ou pretendentes á herança. Mas entre toda essa multidão que se agita, que se debate, que se degladia, epilepticamente — existe uma pessoa que não pôde falar, que não pôde decidir, que não pôde agir, que não pôde esperar sequer, num futuro proximo ou distante, dispor, à sua vontade, dessa fortuna. Quem? A pessoa a quem essa fortuna pertence, a sua autentica possuidora, a morgada da Apariça... Pior: é que sendo ela a unica que não tem outros direitos sobre a sua propria fortuna, do que aqueles que lhe concedem a tutela — perdeu, por causa dessa fortuna, todos os seus direitos civis, todos os direitos de independencia, chegando até a sofrer a clausura dum manicmio, como castigo do crime... de ser rica — manicmio donde o actual conselho de familia e administrador a libertaram.

E porquê, senhores? Porque — dizem os seus tiranos — ela gastava, esbanjava o que era seu — ameaçando... nada deixar aos seus herdeiros. Quer dizer que ela não podia gastar o que lhe pertencia; e para que os outros possam um dia fazer o que agora lhe proibem (e pelo que a interditarão e a enclausuraram) ou seja esbanjar, essa fortuna — fica a pobre senhora reduzida a uma situação de escravidão! Que lógica, meu Deus! Mas trata-se

de facto de uma louca? Que manifestações ou perigos sociais resultavam dessa loucura? Nenhum! Era rica e gastava à larga — o que só podia suavizar a vida a muita gente! Mas mesmo que ela soffresse de qualquer enfermidade psiquica — tel-a-iam interdito e internado num hospital se não fosse milionaria?

Eu não morro de simpatia pelos ricos — mas detesto, de toda a minha consciencia, o sistema das heranças que transforma em desejo de morte, em tirania, em crueldade o amor natural dos descendentes pelos seus maiores. Ser rico em Portugal — é um perigo horrroso! Quantos individuos não existem no nosso paiz que, se não fossem ricos, seriam ditosos e são verdadeiros martires em consequência da cubiça dos que anseiam a sua riqueza, dos que só sonham com o paraizo do ouro — com condição de não trabalharam para o conquistar!

\* \* \*

O outro aspecto — o pessoal — é ridiculo e doloroso, ao mesmo tempo. Já uma vez escrevi um artigo intitulado «Por quanto vendo eu a minha alma ao diabo!» Os meus amigos, á falta de factos commentaveis com que pudessem atacar-me passam a vida a arregimentar cifras que eu recebi por esta ou aquela reportagem, por esta ou aquela attitude, etc. etc. — Totaliso uma fortuna de alguns milhares de contos. Agora porque fômos leal, eu e os meus colaboradores; porque, sem impedir nem interromper a reportagem da Morgada da Apariça — não deixei de tomar attitude que devia — nova calunia feita em azagaia, tentam disparar-me.

Mas eu conto...

Ha poucas noites, num café da Baixa, alguém se dirigiu a um amigo meu, trazendo-lhe a novidade. Que eu vendera por 50 contos... a alma a uma das partes do caso da Morgada — para suspender a campanha. Provas? A prova é que eu tinha uma letra a vencer no dia 15 — letra particular de 2.500 escudos e a pagar... no dia 17! A pessoa a quem esta — horrenda — reve-

# reporter

O SEMANARIO  
DE MAIOR TIRAGEM E EX-  
PANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A  
TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSA-  
ÇÃO NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Sai ás sextas-feiras e é posto á venda  
simultaneamente em todo o paiz

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE O GAL

Director e Editor  
**REINADO FERREIRA**  
(REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade  
Rua do Loreto, 42-1 - TEL. 25.787 - 28249  
End. Telégr.: REPORTERX - LISBOA

Delegação no Porto:  
R. Passos Manuel, 241 - Tel. 4391  
Composição e Impressão

Tipografia das Publicações **aoz**  
Porto - Canelelha Velha, 39

PREÇO DE ASSINATURAS

3 meses — serie de 12 numeros — Esc. 11450  
6 » » » 25 » — Esc. 22450  
12 » » » 52 » — Esc. 44450

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar  
os respectivos portos

PAGAMENTO ADEANTADO

lação era feita, sorriu-se pelo ridiculo do pretexto — e tirando do bolso uma letra — disse: «Tem graça! Esse homem vendeu-se no dia 15 por 50 contos; e para pagar 2.500 escudos dois dias

(Conclue na pag. 6)



Cuidado! Está pintado de fresco



**Uma camionette para dois**

Ha muito que certas companhias estrangeiras nos intoxicam a paciência pelo modo impertinente com que se entronicam no nosso país, sem a mínima consideração pelo publico que as enriquece nem pelo pessoal que moureja sob as suas ordens. Para evitar incomodos—temos contido todos os impulsos até que fomos agredidos, no sistema nervoso, por um *affaire* que, se não é o mais escandaloso—é, pelo menos, o mais sintomatico e irritante. A G. M.—um dos *trust* paquidermicos do automobilismo yankee vendeu ao sr. S. de C.—um moço de viva inteligencia e reputação impecavel que negociava no ramo—uma camionette encomendada com minucioso escrupulo por um cliente do sr. S. de C. Os documentos aguardam algum tempo a chegada do sr. S. de C. que um dia vai levantá-los ao banco, que lhe entregou toda a papelada da prexe, guias, recibos, etc.—aceitando a importancia relativa ao preço do carro, acrescentada pelos juros correspondentes à demora do levantamento. Em resumo: uma transação vulgar—e corretamente realizada pelo sr. S. de C.; mas qual não foi o pasmo do sr. S. de C. ao chegar à Alfandega para receber a camionette em troca dos documentos e ao saber que outro individuo, apresentando papeis exactamente iguais—(iguais até nos detalhes mais insignificantes sobre as caracteristicas do carro) e relativos à mesma camionette se apropriara dela e a levára. Investigando o segredo deste ilusionismo apurou-se que a G. M. vendera simultaneamente o mesmo artigo a duas pessoas diferentes, recebendo de ambas—e na integra—a quantia estipulada,—ganhando, neste extranho sorteio—o concorrente que chegasse primeiro. Que se vislone agora a situação do sr. S. de C.—que é honrado—mas que não é rico, vendo-se na impossibilidade de entregar ao seu cliente a camionette ou o dinheiro! Mas há mais: o sr. S. de C. escreveu já duas cartas de protesto à direcção de Madrid, cartas registadas e com aviso de recepção—e até á hora de escrevermos este rádio os directores ibéricos da G. M. continuam esfingicos. O que lhes sucederia—se elles cometessem esta dupla venda na sua terra?

**O «Roll Royce» da viuva de Wallace**

Edgar Wallace, o famoso e fecundo romancista internacionalista, morreu em Hollywood, continua a render e portanto a produzir—mesmo depois de morto. A sua propria esposa está escrevendo numerosos artigos sobre artigos de revelações sobre a intimidade do grande escritor—artigos que são principescamente pagos pelos jornais da Europa e America. Num d'elles a viuva de Wallace escreve o seguinte: «Conheci meu marido em 1917. Já nessa época amealhava uma media de 200 a 300 libras mensaes com as suas obras—mas o seu nome não atingira a grande publicidade que depois o internacionalisou. E tanto assim que, quando li o anuncio pedindo uma steno-dactilografã—ignorava por completo quem era Wallace. Ao concorrer defrontei-me com uma longa bicha de pretendentes—algumas delas admiravelmente recomendadas. Se Wallace me preferiu foi apenas porque eu lhe disse que, além da steno-dactilografã era... contabilista. «Sabes

suas colegas me dizem que detestam os nimeros—julgando talvez, por eu ser literato, que assim me lisongeiem. Ora eu preciso duma secretaria metódica, organizada, um pouco guarda-livros—sobretudo tratando-se dos meus livros-romances...» Em pouco tempo compreendi que Wallace era um escritor de grande futuro. Começava a ditar os seus romances, artigos, peças, films, às 8 da manhã... Primeiro ditava-me a ideia; depois, vindo na mão as folhas que eu teclava. Ditava-me o plano da obra, detalhado por capitulos, seguindo a ideia já dactilografada; e por último—ditava-me a obra tal como devia ser publicada; muitas vezes estavamos trabalhando dias e dias, sem sairmos do seu gabinete. A's duas da madrugada cada um ia para a sua alcova improvisada—e logo na manhã seguinte prosseguíamos. O «Pistoleiro», por exemplo, foi feito—(ideia, desenvolvimento e romance) em cinco dias, a desesseis horas por dia. Em 1922—a meio de um livro começou a ditar-me... uma declaração de amor. E eu, no principio julguei que era... literaturã. Não era—felizmente—porque o meu coração mesmo na ignorancia da verdade estava alvorçado. Dois meses depois—casavamos-nos. O aumento constante da sua popularidade, obrigou-o a substituir-me por numerosos secretários de ambos os sexos. Mas nem por isso—ou pelo facto de ser sua esposa,—deixei de colaborar com Wallace até ao último momento. Fui eu quem o forçou a dedicar-se intensamente ao teatro, quem organizei o seu primeiro elenco, que lhe dirigiu o negocio teatral até hoje. A sua primeira peça rendeu, só em Londres, 15 mil libras (1.650 contos). Como recordação d'esse exito ofereceu-me um magnifico «Roll-Royce» de 2.500 libras».



A viuva de Wallace

Qual seria um dramaturgo português que podia permitir-se a tal luxo? Vejamos. A obra prima de D.—«C. dos C.» deve ter rendido, até hoje, contando mesmo com as d'sproporções da desvalorização da moeda uns 150 contos; a «Z.» de A. C.—deve ter dado uns 100 contos; o «C. do D.» de R. C.—renderia talvez uns 70 contos; a «Parceria» nunca ultrapassou, com uma das suas comédias, a quantia de 200 contos. O proprio «R. X.», com a sua «D. do S.» fez apenas 25 contos. Na relatividade destas receitas com as da peça de Wallace e na proporção do dinheiro desviado dessa receita para o «Roll Royce» que ofereceu à esposa—qualquer dos uossos seria obrigado a limitar-se, na melhor das hipóteses—a um «Ford» em segunda mão...

**Os primeiros fosforos eram portugueses?**

Kreuger, o «Rei dos Fosforos», que se suicidou em Paris e cuja morte enche a imprensa mundial—não era um financeiro vulgar. Tinha a paixão da sua industria. Ele não queria enriquecer um pouco em Stalupa, está



O rei dos fosforos

dedicado a fosforos, aos fosforos de todos os feitios, marcas, preços e países. O total dos «spicimens» expostos é de 750.000. Segundo nos comunica um amigo nosso, residente na capital sueca comunica-nos que numa das vitrines em que está exposta uma pequena caixa metalica, com um extranho recheio—uma especie de colecção de lapis de cor—existe um rotulo dizendo «um dos mais antigos fosforos de que há conhecimento». Raspas luminosas—fabricadas em 1793 por Jacob Meneres, na cidade de Viana do Castelo (Portugal). Pelo visto trata-se de uma composição quimica bem primitiva, que recorda a pirotecnica. Os fosforos eram inflamados pelo sistema moderno—o que os torna mais notaveis ainda. Eis uma gloria nacional—ignorada.

**A quem cabem as responsabilidades?**

A Misericordia de Lisboa tem na rua da Esperança um balneario publico que como é natural para aquecimento da caldeira tem de meter carvão. Ora quiz a sorte que ao lado d'esse balneario exista um estabelecimento de fazendas que pelo visto está destinado ao ingrato papel de vitima.

Procurou-nos o proprietário d'esse estabelecimento para nos contar que: todos os meses costumam vir para esse balneario cinco a seis camions carregados de carvão que é despejado em monte no meio do passeio levantando uma poeira infernal, principalmente quando há vento. Como há-de pois o infeliz comerciante fazer a exposição dos seus objectos com o pó do carvão a sujar-lhe e a estragar as fazendas? Tem chegado ao ponto de se ver forçado a fechar as portas até ao meio-dia—hora em que geralmente acaba a descarga;—e os seus protestos junto do Provedor apenas tem obtido como resposta, a afirmação de que a culpa cabe à encarregada e esta por sua vez atribui tais factos a ordens do Provedor.

Além do prejuizo da perda de fazendas estragadas pelo maldito pó, há o de os fregueses não poderem entrar no estabelecimento sem o risco certo de se transformarem em carvoeiros. Porque se não molha o carvão ou se faz a descarga mais cedo?

Quem dá providencias a este caso? Tem a palavra o sr. Provedor da Misericordia de Lisboa.

**O «Ciclone»**

Ele era um moço forte e brilhante; ela uma pequena d'alma fundida, educada com severidade e corpo demasiado ardente para uma aristocratica inglesa. Amam-se. Casam-se. Ele, aviador, heroe da guerra, quer vir a tempo de a levar ao teatro, aquella noite. Entre Paris e Londres uma brusca tempestade cospe para a terra o avião e faz do esposo um semi-cadaver. O cerebro e o coração funcionam como outr'ora; o resto do corpo a materia é que não apodrece por milagre. Esposa, irmã—ela, durante anos, sacrificia todos

# Os bastidores de certas agências telegráficas

O caso da inglesa que esteve na Madeira.—Os telegramas da «The Strand News».—A «A. A. S.».—Da Havas a Stefani.—O Kaiser e a Wolff.—O cubículo do quarto andar.—O português que se oculta.



Strand, esquina de Fleet Street—o bairro dos jornais londrinos.

**O** CASO está ainda á flor da actualidade e na memória de todos... Uma senhora inglesa, aparentada com uma gloriosa e popular figura da marinha britânica, permaneceu uns tempos na Madeira, em tratamento de qualquer enfermidade. Curada pelo milagre daquele clima regressou a Londres; e poucos dias depois, após uma noite de teatro foi atacada por uma infecção tão intensa e violenta que poucos dias—ou horas—resistiu apezar da defesa sábia dos maiores medicos do seu paiz. E como estes não acertassem no diagnostico nem no bacillus que incendiara a morte naquele organismo—um grande diário londrino aproveitou o assunto para almar o mundo civilizado com a noticia de que, na ilha da Madeira, se vivia jogando a cebra cega com a morte—uma morte folhetinesca e sem nome ainda, tão subtil como cruel—algo como uma epidemia fabricada por qualquer Dr. Fu-Manchu... A falsidade da informação foi holofoteada, á la minute, por varios defensores da nossa Madeira—e entre estes pelo proprio almirante Jacob, parente da pobre senhora—e que na Madeira se encontra neste momento. Mas eis que surgem, em varios outros jornais, de categoria inferior, como «The Strand News», por exemplo, successivos telegramas, datados da propria Madeira em que o exagero é substituido pela mais disparatada das fantasias. Que a misteriosa epidemia lavra há muito e que tem sido criminosamente encoberta pelos interessados no turismo local; que existem hotéis onde os casos fataes se contam por dezenas; que o discutido toxico ou bacillus é espalhado por um louco; que se enterram os mortos de madrugada para não assustar os estrangeiros; e que—é preciso ter audacia—e que o autor dos citados telegramas, depois de haver recusado varias propostas de... silencio—escapou por menor acaso, dum atentado...

Um amigo nosso enviou-nos varios recortes; e o facto dos telegramas serem eguaes em varias gazetas, de estas gazetas, embora niveladas pela pouca popularidade, pertenceram aos mais variados credos politicos e orientações tecnicas, bastava para nos garantir que não se trata de uma campanha isolada—fruto da falta de assunto ou de uma accia deshonesta de sensacionalismo terrorífico. E neste caso somos obrigados a pensar que esse alarme foi organizado por uma entidade jornalística informativa, ou seja por uma agencia—e portanto com objectivos determinados. E' esta a característica social das agencias

telegráficas—e desta vez era evidente a má intenção, procurando afugentar uma corrente mundial de turismo, cada vez mais forte e prospera. Mas se qualquer duvida existisse no nosso espirito a este respeito—havia a assinatura desses telegramas para nos afirmar o calculo inconcessavel da campanha e origem dos telegramas. Essas assinaturas são por iniciais: A. A. S.

**As grandes agencias... por dentro**

Todos os paizes (menos Portugal) tem agencias telegráficas, como gongos para os seus matches de politica nacional e internacional; e todas as agencias tem o seu xadrez complexo—que é jogado, nos bastidores, simultaneamente ao seu funcionamento tecnico. O governo francès tem a Havas que é o seu parlafone—o que não evita que a Havas entre em combinações de publicidade telegrafica. Mas alem de Havas, existem em França, a Radio, a que foi fundada por Briand, antes da guerra, para assegurar a publicidade da sua politica em todo o mundo e que teve, como bases o negocio dos petroleos rumatos; a «Fournier», a «Informations», «Regional», etc, se todas organisadas como grandes jornais, não poupando a despesas, expedindo enviados especiais ao Japão ou á Alemanha quando é preciso conquistar *sur place* a noticia sensacional—mas todas subvencionadas largamente pelos interesses que defendem—pela politica que asoriente. Assim a «Reuter», a «Inglaterra», a «Belge», a Royal e a «Nordesk» na Belgica, na Holanda e na Dinamarca; a Wolff na Alemanha fundada pelo grande jornalista prussiano que lhe deu o nome e a J. Murrat, o funquem o Kaiser durante a dador da A. A. S. guerra e alem de todos os outros subsidios officiaes, pagava do seu bolso, 500.000 marcos para... irradiar pelo mundo certas noticias que ficaram conhecidas pela alcunha de «Balelas-Wolff...» a Stefani, na Italia, que resistiu até certa altura a Mussolini e que teve de capitular, por fim; a «Arco», nos Balkans, fundada por um jornalista francès, amigo pessoal do titanete servo—Alexandre;—«A. E. C.» que resume toda a Europa Central, a «Fabra» e a «Mancheta» em Espanha, a «Urss», dos Soviets russos; a United Press e a «Associed Press», dos Estados Unidos, a «Americana» do Brazil etc. etc. Compreende-se perfeitamente as luctas de interesses e as paixões que se deglham em redor da propriedade ou da direcção de uma agencia jornalística—porque ela representa uma força incalculavel, um raio de accão ilimitado, tanto na boa propaganda de uma ideia, de um tratado, de uma politica, de uma paz ou de uma guerra—como no ataque fulminante, na sementeira de uma impopularidade. Trez linhas saídas da «Havas» são, poucas horas depois publicadas

em todos os jornais da França e no dia seguinte em todos os da Europa espalhando-se assim rapidamente por toda a humanidade.

## O português que calunia Portugal

Quem um dia entrou nos escritórios centrais da Havas ou de Reuter—saiu de lá com tonturas e zumbidos. São dezenas de redactores, de dactilografos, de *chasseurs*—trabalhando cercados por essa orquestração de mil ruidos—ordens dos chefes, correrias, maquinas de escrever tecladas com uma velocidade louca, o retinir de muitos telefones, o martelar ritmico dos aparelhos telegraficos, etc. etc. Ora a A. A. S.—ou seja a Atlantic Agency Service (é este o quarto nome que conhecemos á mesma agencia) é um flagrante contraste das grandes agencias. A nossa curiosidade levou-nos já por duas vezes a visitá-la, em Londres, sob varios pretextos innocentes.

A «African News Service» (era assim que ela se chamava quando a invadimos pela primeira vez) está instalada no Stand, quasi á esquina de Fleet Street—a arteria ocupada por quasi todos os jornais inglezes—num «appartement» modestissimo do quarto andar—duas saletas quasi sem luz e quasi sem moveis. Dificilmente encontraremos os seus directores, redactores ou dactilografos. O seu pessoal parece limitar-se a um rapazote que passa lá os dias e as noites, ora lendo romances baratos, ora dormitando sobre a secretaria. O seu serviço que é irregular e provem dos paizes mais inesperados—tem uma tabela de preços—mas a agencia fornece-o ou gratuitamente ou pagando ainda por cima. Significa isto um interesse em o verem publicado, seja como fór—e portanto pouca confiança no seu valor jornalístico, porque do contrario eram os jornais que o pagavam, como succede ás outras agencias. Quasi sempre, os assuntos dos seus telegramas são jerroistas, pessimistas, difamadores—como succede agora com a Madeira. Qual a sua origem?

Ignoramos... Sabemos que a agencia foi fundada por John Murray e que este a vendeu a trez individuos um dos quais é português! Raras são as noticias tendenciosas ou caluniosas contra Portugal que aparecem na imprensa inglesa que não nasçam da A. A. S. Ainda ha pouco mais dum ano—quando ela se fingia dedicar á informaçao africana e a sua taboleta correspondia a esta especialidade—lançou uma serie de graves telegramas alarmantes sobre as nossas colonias. O mesmo fez sobre o Congo—Belga. Quem será que nos bastidores dessa agencia, a manobra e lhe inspira as suas calunias contra Portugal? Qual o seu objectivo? Qual o seu interesse? Mas de todos os aspectos deste comentavel *affaire* o mais afflitivo é que seja um português quem esteja á frente da A. A. S...

Voltaremos ao assunto—e talvez então possamos dizer quem é esse nosso compatriota.



J. Murrat, o funquem o Kaiser durante a dador da A. A. S. guerra e alem de todos os outros subsidios officiaes, pagava do seu bolso, 500.000 marcos para... irradiar pelo mundo certas noticias que ficaram conhecidas pela alcunha de «Balelas-Wolff...» a Stefani, na Italia, que resistiu até certa altura a Mussolini e que teve de capitular, por fim; a «Arco», nos Balkans, fundada por um jornalista francès, amigo pessoal do titanete servo—Alexandre;—«A. E. C.» que resume toda a Europa Central, a «Fabra» e a «Mancheta» em Espanha, a «Urss», dos Soviets russos; a United Press e a «Associed Press», dos Estados Unidos, a «Americana» do Brazil etc. etc. Compreende-se perfeitamente as luctas de interesses e as paixões que se deglham em redor da propriedade ou da direcção de uma agencia jornalística—porque ela representa uma força incalculavel, um raio de accão ilimitado, tanto na boa propaganda de uma ideia, de um tratado, de uma politica, de uma paz ou de uma guerra—como no ataque fulminante, na sementeira de uma impopularidade. Trez linhas saídas da «Havas» são, poucas horas depois publicadas



A noticia espalhou-se por todos os jornais...

# A estranha bagagem de M.<sup>me</sup> Perestrelo

Da «Princesa dos Dolars» à «Viuva Alegre»  
— Uma frase—num intervalo do «Ciclone»  
— A menagerie de M.<sup>me</sup> Perestrelo—O caso  
do Ritz de Madrid

**F**OI na quinta-feira ultima, entre o 2.<sup>o</sup> e o 3.<sup>o</sup> acto do «Ciclone»—no Nacional... Subito, uma voz que se sobrepoz ao imenso zumbido da sala, a transbordar de publico, e ao entrechoque das ideias que a peça me provocava—fez retinir aos meus ouvidos uma frase que me alvoraçou: «A Madame Perestrelo ficou retida na fronteira... Desta vez obrigaram-na a revelar o segredo da sua estranha bagagem».

Circunvaguei a vista. No camarote anterior ao meu estava uma familia semi-espanhola, semi-tangerina, semi-judaica—um galho da famosa arvore dos banqueiros X... repetidamente caricaturados pelo Bordalo Pinheiro. Cristãos novos convertidos pelo milagre de uma sociedade que lhes fecharia os salões, caso teimassem na sua religião... Uma dama edosa— a mãe viuva; uma senhora de trinta anos— a filha divorciada; uma donzelinha de 18 anos elegantemente esquelética— a filha casada— e o marido— um primo pouco mais velho. Era o marido que dava a noticia á familia. O nome que ele evocara— M.<sup>me</sup> Perestrelo— bastava para me aertiar. A divorciada esgazando os olhos— comentou: «Mas os jornaes não disseram nada...»— «Nem dizem! garantiu ela. Eu soube porque a Perestrelo telegrafou ao Dr. M... pedindo para intervir. O Dr. M... conseguiu abafar o caso...»— «Mas afinal— sempre era o que nós suspeitavamos?»— indagou, com cinefila curiosidade, a mocinha hafana.»— «Isso sim... A Perestrelo é louca... Se soubessem qual é o segredo da sua bagagem... Foi o Dr. M... quem m'o confiou...» Já a completar a informação— quando, num relance, deu comigo... Esboçou uma saudação cortez— e curvando-se, sitiada pelas trez cabeças femininas que a olhavam, offegmente— cochichou-lhe fosse o que fosse. Mas em nada ouvi...



bagagem, a filha mais nova, os seus fieis amigos— e um autografo duma carta de Bernardo Shaw dirigida a M.<sup>me</sup> Perestrelo

## Quem é M.<sup>me</sup> Perestrelo

Não era a primeira vez que eu ouvia falar na M.<sup>me</sup> Perestrelo— mas até 1926 apenas lhe conhecia a «ficha» antropometrica dos reporteres mundanos, «Princesa dos dolars»— ou



A irmã mais velha de M.<sup>me</sup> Perestrelo, morta em 1902

dos «contos de reis», filha dum ricoço com título de visconde— reliquia ainda do império— casada com um «arqui-duque» das plantações do café; «viuva alegre» e orfã resignada aos 20 anos— herdeira de duas imensas fortunas, sem objectivos sentimentais ou sociais gasta

pelo excesso de todos os prazeres honestos; satisfeita em todas as vaidades— o seu nome era tão categorizado na aristocracia carioca como no cosmopolitismo de Paris— apenas lhe resfavam as emoções das viagens ou das aventuras imprevistas. Uma tarde, naquele ano de 1926, abraçando eu, a bordo do «Cap-Plonio» um jornalista argentino— meu companheiro de reportagem em Versaillés— ela pasou junto a nós, altiva como uma Deusa caída do Olimpo, branca como um



Madame Perestrelo (retrato oferecido a uma sua amiga de Lisboa em 1930)

cisne do Capri; e bela; e sumptuosa. «Não sabes quem é? E' M.<sup>me</sup> Perestrelo— uma brasileira archi-milionaria que vagabundeia pelo mundo a sua neurastenia e a sua insensibilidade. Vem do Rio— onde se demorou apenas 48 horas e volta para Paris donde veio ha quinze dias... Está bem onde não está! Em todas as fronteiras a conhecem. E' a «dama eternamente em transitio»... Se não soubessem que é riquissima— ha muito que estaria sob as garras dos carabineiros sob suspeitas de contrabandista. Porquê? Porque não existe viajante que se desloca com uma bagagem mais extravagante do que ela— nem que defenda, com maior tenacidade, o segredo dessa bagagem. Suborna guardas, move influencias, gasta fortunas, serve-se de todos os expedientes, deixa, como ultimo recurso, que lhe eniacem e selem as malas— sob a pretexto de ser apenas «uma passageira em transitio»— contanto que não lhe deva sem o segredo da sua bagagem... Traz sempre duas creadas, um creado, um chimpanzê— que lhe obedece como o mais apaixonado dos galãs mas que a defende como o mais feroz dos janizaros, varios cães, numerosas aves e passaros exóticos, alguns reptis— uma autentica menagerie. A verdade é que em todas as capitais da America e da Europa— a acolhem como a uma rainha. O Conde de Paris, os Lords de Norfolk, as princezas rumaiicas, a Rotchild, a Cecil Sorel, a Robine, a M.<sup>me</sup> Vanderveit, a netá de Bismarck, o proprio Bernard Shaw estimam-na profundamente e admiram-na e correspondem-se com ela. Mas M.<sup>me</sup> Perestrelo, nem ao seu amigo mais intimo revela o segredo da sua bagagem...»

## A revelação do misterio

Foi ha seis anos que eu ouvi falar, a bordo do «Cap-Plonio», no segredo indcifrável da bagagem de M.<sup>me</sup> Perestrelo. Desde então—

Continua na pág. 14

## REVELAÇÕES SENSACIONAIS

# Como são roubados os Diamantes de Angola



Causaram a maior sensação as reportagens que ultimamente publicamos sobre o roubo dos diamantes de Angola. Até hoje, só alguns agentes da espionagem que a «Diamang» mantém, conheciam a forma verdadeiramente atroz e horrosa como os indígenas, trabalhando nas minas de Lunda, roubam as pedras preciosas e as ocultam até ao momento de as passar para as mãos do receptor Andries Wescel—um velho e endurecido criminoso cujos sinais e cadastro figuram nos

«dossiers» policiais das grandes capitais europeias e americanas.

Com bastantes sacrificios e graças a um trabalho tenaz, conseguimos desvendar esse misterioso assunto.

Durante a vasta região da Lunda, não foram as peripecias desagradáveis, cenas de intrigas a que—jura-lo-íamos—não foram alheios alguns dos secretos agentes da poderosa «Diamang».

Apezar de tudo, conseguimos obter, dentro do nosso humilde papel de jornalista, aquilo que os espíões secretos da Companhia nunca alcançaram: falar com Andries Wescel e assistir ao seu «negocio» com os ladrões dos diamantes. Quando chegamos á Lunda, alguém nos veio propor que, seguindo as pisadas dos «detectives» da Companhia, os acompanhássemos nas suas diligencias quasi continuas para descobrir Andries Wescel. Recusamos. Um bom e velho amigo—o comerciante Sarmento de Brito pôs-se ao nosso dispor, acolheu-nos em sua casa e, guiando-nos, muito concorreu para o bom exito da nossa missão. Mas a nossa recusa em seguir os «detectives» valeu-nos alguns dissabores, quasi-burocraticos, etc. Os «argus» não perdoavam o nosso gesto.

### Retirada a tempo...—Uma visita inesperada—Andries Wescel e eu

Quando uma bala, partida não sei de onde, veio estilhaçar o «pare-brise» do nosso carro, Sarmento de Brito que observava a planura não vacilou em aconselhar a retirada immediata. Na «chiana» não se divisava qualquer vulto humano. Daí a momentos, novo tiro reboou a meio das vidra-

**Andries Wescel, o receptor dos diamantes, fala ao nosso redactor—Quem são os principais ladrões das pedras preciosas?—A verdade sobre o misterioso caso de o homem do rapido de Benguela—Estatísticas angrentas—os agentes de Wescel na Europa—Quem é o agente n.º 16, de Lisboa?**

ças laterais da «limousine» caiu em pedaços. Estavamos a ser alvejados por Andries Wescel tão certamente que, a continuar naquela irritante expectativa, algum de nós viria a tombar sob as balas do mestiço. Era preciso tomar uma resolução.

Sem um murmúrio, o comerciante pôs o carro em andamento, e lançou-o numa velocidade enorme em direcção á estrada. Chegados ali, uma guinada forte de volante colocou-nos a bom caminho do Lucare. E só então, o velho Brito, com um risinho satisfeito, exclamou:

—O caso prometia tornar-se sério...

À noite, estendidos numas esteiras, juntos da porta do «bungalow» do comerciante, sentindo os membros torcidos e fatigados, conversamos longamente sobre as acidentadas occurências daquele dia de aventura, salpicando-as de comentarios alegres, despreocupados...

Daí a três dias, M'Combo—o atlético negro, servical do comerciante—entrou-me pelo quarto e gritou esbaforido:

—Siôr, está na «sanzala» o homem dos diamantes!

Estremeci involuntariamente. Tudo parecia prever menos uma visita de Andries Wescel. Sabia-o audacioso, decidido, homem capaz dos mais resolutos gestos. Mas nunca calculára que viesse procurar-me. E de principio duvidei das palavras de M'Combo. Mas, espreitando pela janela entreaberta, avistei um homem espaduado, amulhado, rosto manchado por uma barba encrespada e negra e acabei por me convencer. Estava ali Andries Wescel. Lá vê-lo, falar-lhe rapidamente, nervosamente, puz o capacete na cabeça, sai do quarto, desci os degraus que conduziam ao pequeno jardim e encontrei-me em frente do misterioso receptor dos diamantes.

Fitamo-nos friamente. Nos olhos de Wescel havia um brilho metálico, um não sei quê de investigador. Suportei aquêl olhar e inquiri:

—Que deseja?

Numa voz rouca, mas decidida, matraqueando as sílabas, o mestiço respondeu, sem afastar do mim os olhos:

—Con-ver-sar!

\* \* \*  
Durante duas lon-

gas horas escutei as palavras do audacioso aventureiro. Explicou-me rapidamente que sabia quem eu era, o que fazia e qual o intuito com que procurava surpreender o seu «negocio» com os negros. E esclareceu que me procurava na intenção de me pôr ao corrente da perseguição que lhe moviam os «detectives» da «Diamang».

—A Africa é muito grande;—observou Wescel;—os meus «negócios» nada affectam a companhia. Os seus piões preseguem-me ferozmente, como eu fôsse um cão danado. Apesar de tudo não os temo. Por mais de uma vez tenho demonstrado que sou mais forte que eles; desafio-os continuamente e tenho chegado a avisá-los do dia e hora em que estarei num certo local disposto a recebê-los e a medir forças. Os «detectives» porém, não se dignam aparecer.

—Mas você tem cometido crimes mortel—observou-lhe

—Sim. Têpho-me defendido por todos os meios ao meu alcance. E é natural que me defenda. Desde o momento em que me deixem socegado, ficarão incólumes todos os agentes da Companhia que passam junto de mim. Mas têm-me torrado. Em Paris, Londres, Anvers e Roma ha sempre policiaes que me procuram, sou forçado a pôr em jogo todos os meus amigos e o meu dinheiro, para garantir planos policiaes.

E depois duma pausa, Wescel afirmou:

—Acusam-me de ser o receptor dos diamantes roubados. E' verdade! Mas se não sou mais util á Companhia e especialmente ao Estado português que se tornasse publico quem são os maiores ladrões de diamantes.

—Quem são, então, os maiores ladrões?—inquiri.

Wescel sorriu.

—O quê! Não sabe?

Confessei a minha ignorancia e o aventureiro, sem responder á minha pergunta, comentou:

(Continua na pag. 1)







# A clinica dentaria através das idades

## Os dentes... falsos da bela Thais

A origem da clinica dentaria perde-se na sombra dos tempos. Mais do que qualquer outra a arte de curar o mal dos dentes, mereceu especial atenção aos curandeiros primitivos. Esta é, talvez a razão de pouco se fazer hoje de novo n'esse ramo da medicina.

Já quatro mil anos antes da era Cristã — provam-no os achados arqueologicos e o exame feito a corpos mumificados — os Egipcios dedicavam especial atenção à hygiene dentaria, realizando quasi todas as operações que hoje se praticam, tais como a colocação de dentes falsos, tratamento da carie com extracção do nervo, colocação de pontes, etc. etc. todo aquele horror a que estão sujeitos os queixos da pobre humanidade. Se não houve, pois, até aos nossos dias notaveis transformações na manifestação destes males e modo de os combater, verificou-se incontestavelmente uma enorme transformação na sorte dos dentistas, hoje uma classe considerada e prospera mas então, tristes predestinados duma arte que muitas vezes os levou a sofrer os mais aviltantes castigos pelas dores que as suas curas provocavam nos doentes mais poderosos...

E' que os reis, como todos os mortais, democratisados pela dor, também sofriam dos dentes. Conta-se que Aanapper, o Poderoso Rei da Abissinia que viveu seis seculos antes da era de Cristo, tendo o vicio de comer guloseimas, desde muito novo sofrera dos dentes. Chamou a si os mais sabios «dentistas do seu e dos Reinos visinhos para que o curassem... sem dor. Sabendo da irrisibilidade do cruel despota e receiando-lhe a ira os curandeiros limitavam-se a receitar-lhe varias applicações e medicamentos que pda resolviam e só amorteciam as dores que depois voltavam mais violentas, pois mal se sentia melhor, Aanapper fazia-se servir dos mais adocicados pitus da inventiva dos seus cosinheiros... A cura só era possivel pela ex-



O rei Aanapper, mal ele lhe arrancou o dente, mandou-o matar

### Não doí nada...

tracção dos dentes mas triste de quem magoasse aquella Augusta boca.

Foi aqui que surgiu pela vez primeira a classica fraze dos dentistas «não doí nada... isto é um instante», que perdurou até nós, resistindo a tudo como um verteu um sacrificado. O caso foi que, na mira da choruda recompensa prometida pelo Rei a quem o curasse de vez, um celebre curandeiro-dentista-abissinio, propõe-se como qualquer dentista dos nossos dias arrancar o mal pela raiz dos dentes do seu Senhor.

«Que não doia nada, seria um instante...» — O resultado porem foi que arrancados os primeiros dentes, num acesso de furia provocada pela dor, Aanapper mandou enforcar o malfetor, só irremediavelmente tarde reconhecendo o muito que lhe devia...

Hoje, como então, quando dos que soffreram a cura de dente; não desejariam ser Reis poderosos para mandar enforcar o dentista — o que felizmente não succede para não terem de se arrepender tambem.

### Beleza postieca

Não é tambem só dos nossos dias a moda de enganar com postiços a verdadeira beleza. Thais, a bellissima e decantada cortezã Grega, soffreu tambem horriavelmente dos dentes, só conseguindo supplantar em beleza a sua concorrente Lecania, depois de substituir os seus dentes naturais que, segundo o Romano Martial, eram «pretos», por uma dentadura postieca, tão perfeita, que poucos souberam não serem esses dentes mais um requisito da sua beleza natural...

A hygiene da boca, porem, deve interessar a todos mesmo áqueles para quem a estectica não representa uma preocupação.

## Homens & Factos do Dia

(Conclusão da pag. 3)

depois precisou pedir, a 17, 750 escudos emprestados — por meio duma letra que é esta! — E exhibiu a letra... Eles proprios se desmentem, na febre de caluniar! Não ha evidencia, por mais eloquente que seja; não basta a minha cronica pobreza; não basta a dureza da minha vida de trabalho constante e esfalfante, não bastam as lições recebidas — porque eu nunca me calo, nunca me calei se não no fim para os amordaçar? Mas vendido a quem — pobres patetas? Aos antigos tutores da Morgada? Mas contra esses já dissemos algo, e muito mais vamos dizer! Aos actuaes? Dir-lhes-ei o mesmo que disse ao redactor encarregado desse assunto: «Não poupes ninguém! Se contra estes tiveres provas — revela-as ao publico como revelaste as dos outros! Não ha amizade que me faça transigir.» Então? porque esperam? Se querem ter a certeza — que me tragam a verdade — mas a verdade irrefutavel que eu lhes juro que tomo desde já — e ante todos os leitores — o compromisso de a publicar!

\* \* \*

Agora me recordo uma passagem do delicioso cavaleiro de Oliveira no «Amusement periodique» escrito, em Inglaterra, em 1750. A inquisição de tua — visto que ele vivia — em esta — e quando êle soube, em Londres, da data exata do seu proprio auto de r. — exclamou: «Tem graça! Nunca soffri tanto frio em Inglaterra — como no dia em que me assaram em Portugal!»

REPORTER X.

## Três dias em Coimbra

«Reporter X» iniciará no proximo número uma série de cronicas e reportagens sobre os mais palpitantes assuntos da cidade de Coimbra, observados «in loco», pelo nosso camarada Alfredo Marques, que nos descreverá aspectos de beleza tragica dos «bas-fond», a odisseia de um condenado, a vida espirituosa da Academia, algumas evocações da Inquisição, a narrativa veridica do Landru português, autor de 42 crimes, a tragedia dos moradores do «Bairro da Lata», o tráfico de carne branca, um atentado contra a lapide comemorativa da Implantação da Republica e uma sensacional entre-vista sobre alguns episodios ineditos da vida academica de Antonio José de Almeida.

Para Porto d'Honra

inhos "BARROS"

## Querels dinheiro?

Jogaí no

*Gama*

R. do Amparo, 51 - LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo  
SEMPRE SORTES GRANDES!!!

# Um bairro de pobres e mendigos que constitui uma das mais revoltantes negociatas

Lisbôa estava nos tempos heroicos em que castelhanos lhe punham cerco e franceses a invadiam — nessa época ainda não havia Kelogs que propusessem a condenação da guerra — rodeada de muralhas.

A dentro delas, abrigavam-se vigilantes e atentos, envoltos em ferreas armaduras, os guerreiros. Os panos das muralhas desapareceram, e o que dêles resta, longe de interessar á defesa da cidade, constitui apenas preocupação de arqueólogos.

Hoje, a substituí-las existem, os bairros formados de madeiras velhas e latas ferrugentas. A dentro dêles acotovela-se, numa promiscuidade arrepiante, uma população composta de trabalhadores de parcimoniosos recursos, de operários atingidos pela crise e de mendigos.

A descrição d'esses bairros está feita. Sabe-se que, em dia de temporal, a chuva penetra inclemente no interior das sordidas barracas; que, de quando em vez, a ventania derruba algumas, cuja derrocada origina desgraças que os jornais registam através do seus informadores dos hospitais e da Morgue; tão pouco se ignora que pavimentos terreos servem de leitos e no mesmo aposento, se é que em rigor ali existem compartimentos, vivem e dormem em triste promiscuidade adultos e crianças, muitas das quais viram á luz perante os olhitos extasiados dos irmãos mais velhos; ha igualmente um conhecimento exato de que a maioria dos seus habitantes pagam pelo aluguer daquelas sordidas barracas importâncias que excedem a das habitações operárias, confortáveis em países civilizados como a Belgica e Alemanha.

O que ainda não foi, devidamente, relatado é a série de negociatas a que dão

lugar os referidos bairros susceptíveis de envergonhar alguns dos cantos mais reconditos do continente negro.

Esse aspecto merece sêr vulgarizado, a fim de que se saiba este facto vergonhoso: os bairros sordidos constituem um dos negócios mais lucrativos de Lisbôa, que oferece, com as mais sólidas garantias, a certeza de que, sem trabalho algum, alguns traficantes da pior espécie realisam fortunas consideráveis.

Para demonstrar que não formulamos afirmações desta natureza sem fundamentos sérios vamos referir o que conseguimos apurar num desses bairros. E escolhemos, de preferência, o menos conhecido de todos, o da Curraleira.

Fica proximo de Chelas, ali para as bandas da Picheleira. Onde ele se encontra instalado existia, ha tempos, uma quinta que dava um rendimento razoavel, mas que não era susceptível de contentar a alma voraz dum agiota. O seu proprietario podia levar ali uma vida limpa, com desafogo, mas a perspectiva da fortuna ser-lhe ia vedada.

A quinta caiu ha tempos, nas mãos dum individuo que explora com felicidade um ramo de industria, que não é das menos remuneradoras. A referida criatura, mal a adquiriu, deixou de ali plantar couves e alfaces, que eram vendidas em Lisbôa, e resolveu aproveitar o terreno para um negócio que lhe ia render, como rendeu, sem esforço, uma fortuna.

Anunciou nos jornais que no local, onde existira a quinta da Curraleira, se alugava terreno para a construção de barracas pobres. O efeito foi rápido: logo, no dia seguinte, alluiu ao seu estabelecimento, ali para as bandas da rua da

Palma, uma legião de desgraçados e com ella algumas dezenas de espertalhões.

Compunha-se a legião de gente pobre que aceitou como se dum gesto altruistico se tratasse, a proposta de alugar um pequena extensão de terreno pelo preço de um escudo e cincoenta centavos por cada metro quadrado.

E não repararam os infelizes que eram nas garras desse individuo destituido de escrupulos o que a proposta encerra de odiosa exploração. E' que o terreno era alugado por aquella importância cada metro quadrado, mensalmente, de modo que nunca ficariam proprietarios de embora o pagassem, em prestações mensais por uma quantia excedente em trinta quarenta e cincoenta vezes o seu real valor!

Por este processo resulta mais caro terreno num sitio excentrico aos desgraçados que rele habitam, do que o adquirido por um milionario, para elevar um palacio no centro na cidade.

Naquele bairro vivem em condições acima resumidamente expostas duas a trinta mil pessoas. E como o numero das barracas é elevado e o terreno bastante vasto facil de calcular se torna o rendimento fabuloso que ele dá, anualmente, ao seu proprietario. E não é exagerado afirmar que a maioria dos inquilinos já pagou o terreno, que nunca lhe há-de pertencer por uma importância muito superior á que ele vale.

As barracas eram construidas a expensas dos proprios inquilinos, e como uma parte deles não possuia a quantia relativamente modesta para a sua edificação surgiram logo os espertalhões a que alludimos, que disso se encarregaram. E logo outro negocio se criou, tão antipático como o primeiro, embora menos redditoso.

O custo das referidas barracas é insignificante, dez mezes de renda chegando em muitos casos, para o inquilino pagar asquerosa barraca em que vive. Mas, como no caso dos terrenos, o misero inquilino nunca ficará dono dum casebre ignobre que ele acabará por pagar por uma quantia muitas vezes superior á do seu valor autentico.

E aqui teem os leitores, como, em Lisboa, neste ano de graça de 1932, ainda consegue enriquecer á custa de desgraçados que mal ganham para viver em condições aflitivas, como sejam as do que teem por visinhos a miseria e sua irmã gêmea — a fome.



Um bairro pobre, de misérias, o da Curraleira...

## O romance da cigana-detective

# José Calixto está inocente, e a mulher desapareceu

As nossas reportagens sobre a condenação do cigano Calixto como autor da morte do também cigano Joaquim Ezequiel em revelado factos importantes, que bem podem classificar-se de sensacionais.

Desde a descrição de como se deu o crime, passando por todos os permeares da desordem e o antecedente, até à revelação de factos que foram propositadamente omitidos na organização do processo, temos a consciência de haver contribuído grandemente para o esclarecimento da verdade, que urge se resolva como a justiça impõe.

Demonstramos já que o crime não se deu como foi descrito e julgado e demonstramos também o interesse que levou o pai do assassinado a promover que as coisas se esclarecessem a seu modo. Dissémos já, também, que do processo levado a julgamento não constam elementos que, conhecidos pelos juizes julgadores, certamente teriam influído no sentido da sentença ser outra diferente da que houveram por bem, dados os factos apresentados, proferir.

Vamos agora prosseguir na nova descrição do crime que conseguimos apurar no decorrer da nossa reportagem, que contribui duma maneira eficaz para demonstrar que o Calixto está inocente e que o Quico foi quem matou o Ezequiel.

Antes de entrarmos em novas revelações não queremos deixar de notar uma circunstância que, em nosso entender, não pôde deixar de ser tomada em conta para boa apreciação dos factos que se prendem com o crime a que os reportamos.

Os agentes de policia de investigação que organizaram o processo pelo qual foi condenado Calixto e absolvido o Quico, agiram sempre sob influência do pai do assassinado. Sem que esta afirmação possa inferir-se que da nossa parte há o desejo de ter em menos consideração a honestidade desses agentes da autoridade, a verdade é que não nos parece lógico que, em caso de semelhante monta, seja de aconselhar uma ligação dos agentes investigadores com qualquer das partes interessadas no assunto.

Duma ligação dessa natureza tudo há a esperar. Os agentes são homens e, por isso mesmo, mais ou menos impressionáveis. Só assim se compreende que tenham sido desprezados elementos de alta valia para o esclarecimento da verdade, da autêntica verdade, em prejuizo do inocente Calixto, e somente em benefício dos interesses do pai do assassinado, cuja dor por haver perdido o filho, não lhe ornou mais humanos e sinceros os desejos de justiça. Só assim se compreende que, além do acto acima apontado, se tenha trabalhado apenas no sentido de descobrir a verdade do pai Ezequiel. Porque não admitir a falsidade das declarações desse indivíduo? Apenas porque ele era o pai do assassinado? Achemos pouco, e é bem pouco, não de convir...

Mas vamos aos factos.

No decorrer das investigações a que tivemos de proceder para nos documentar-mos de

**Temendo a policia que a heroica cigana tenha sido vítima dum cilada dos verdadeiros assassinos.—Uma testemunha presencial cujo depoimento foi desprezado—Porquê?—Onde pára a cigana Maria do Carmo?—Os receios duma cilada—Testemunhas a 150 escudos para jurarem falso**

maneira a afirmar apenas a verdade, apuramos a existência, na Golegã, dum rapaz de nome Manoel Luís Calado, testemunha presencial da desordem e do crime que vitimou o cigano Ezequiel. Esse rapaz, cuja idade lhe não permite ainda raciocinar de maneira a poder tomar partido por qualquer das partes, depois de ter assistido à morte do cigano, afirmou, na taberna onde estava empregado, que o assassino fóra o Quico.

Quando os agentes que organizaram o processo estiveram na Golegã, ouviram este rapaz que, colocado na presença do Quico e o Calixto, apontou logo aquelle como sendo o assassino, todavia, do processo não consta auto das suas declarações, que foram prestadas de harmonia com o que vira.

Agora, que novas investigações estão a fazer-se para documentar um pedido de revisão do processo, o Calado foi ouvido pelo agente Miguens, que está procedendo a essas investigações, sabemos que o seu depoimento foi reduzido a auto e junto ao processo que o mesmo agente está organizando.



Agente Miguens

Para que não fossem admitidas dúvidas acerca da veracidade das declarações do rapaz, foram-lhe apresentadas mais de vinte fotografias de indivíduos diferentes, na presença de testemunhas, e o Calado apontou prontamente e duma maneira que não admite dúvidas, uma delas como sendo do Quico, o auctor da morte do Ezequiel, como o mesmo rapaz voltou a afirmar.

Tudo quanto acabamos de descrever é a expressão da verdade, sem pessimismos desnecessários, sem figuras de retórica que o caso em si não comporta. Poderão acusar-nos de lacónicos, mas o que de maneira nenhuma poderão acusar-nos é de exagerados.

Dentro deste critério e cumprindo sempre com o dever que nos impuzemos de dizer tudo quanto apuramos, nada havendo que nos faça recuar, não queremos deixar de constatar aqui

dois factos que se nos apresentam de certa gravidade e para os quais chamamos a atenção das competentes autoridades.

O primeiro — e mais importante — é o de ter a cigana Maria do Carmo, mulher do Calixto, saído de Lisboa no dia 6 do corrente, com o agente Miguens, para realizarem umas diligencias necessárias à conclusão do processo que o mesmo agente está organizando, e tendo sido deixada pelo mesmo agente três dias depois, com a promessa de que seguia para Ponte de Sôr, em busca de umas testemunhas, cujos depoimentos são necessários, a mesma cigana não deu ainda sinal de si.

Cumprindo a nossa missão de informadores, não podemos deixar de reproduzir aqui os receios do Calixto, encerrado em Monsanto. Receta ele — e quem sabe se com razão — que sua mulher tenha sido vítima dalguma cilada dos seus algôzes.

Até que ponto isto pôde ser verdade não sabemos. Sabemos, contudo, — e aqui está o segundo ponto a que acima fizemos referência — que existe no tribunal da Galegã uma queixa contra o João Ezequiel, por ele ter atirado a tiro os ciganos Izidro Abreu e Cirilo Fernandes, fazendo um braço este último que é sobrinho do Calixto.

Sabemos também que esta agressão foi motivada por factos que se prendem com a acção do agressor, da qual resultou a condenação do Calixto.

Sem querermos tirar ilacções, não podemos deixar de pôr em confronto estes casos, que se nos afiguram dignos de uma aturada investigação e, mais do que isso, dum aturada estudo.

Propositadamente, deixamos para o fim uma revelação que suplanta em gravidade todas as que acabamos de fazer.

É o caso de ter o João Ezequiel contratado por 150\$00 (cento e cincoenta escudos) cada uma das testemunhas que foi ao tribunal acusar o Calixto, ás quais entregava um papel com o depoimento que deviam fazer na audiência.

Todos estes factos estão provados já, urgindo que se faça justiça, castigando quem o mereça e libertando quem falta alguma cometeu.

E, leitores, é preciso que saibéis que o pobre Calixto está exausto de recursos, correndo perigo de ter de cumprir a pesada pena a que foi condenado, por não ter dinheiro para custear as despesas das novas investigações, a despeito dos enormes sacrificios feitos já pelo agente Miguens e pelo sr. Bernardino Santana, e, conseqüentemente, aos da almejada revisão do processo...

A' volta dos presidentes norte-americanos...

## Quem é o "Fantasma" da Casa Branca

que assustou Washington, ha um seculo; que tem causado dezenas de mortes e influenciado a politica de todos os presidentes; e que assassinou um secretario de Hoover? Do cinismo do Lincoln a donjuanismo de Wilson

UM livro escandaloso, publicado recentemente, em que o seu autor—John Knox—desmascara os «ídeos» populares americanos—ou seja os seus presidentes da republica—veiu provocar uma sensacional revelação que a imprensa mundial começou a explorar sob o rotulo generico de «O Misterio da Casa Branca».

Vejamos, primeiro, o livro. Segundo afirma Knox para ser presidente nos Estados-Unidos é preciso ser mediocre em todos os sentidos, apresentar uma vida conjugal harmoniosa e exemplar e exibir um puritanismo—quanto mais exagerado melhor. Desde Jorge Washington até hoje—foram 31 os hospedes da Casa Branca. Uns, eram tão ignorantes que, como Heynes (1877-1881), nunca tinham lido sequer uma obra da literatura nacional e falando-se-lhe uma vez de Homero—lembrou *contrata-lo* para a repartição de construção publica... Lincoln, por exemplo, tão afamado—era, na opinião de Knox—um cinico, um hipocrita, que mudava de parecer como de camisa, que mentia com a maior audacia e que esbanjava o dinheiro do Estado até ao extremo de deixar este empenhado com 300 milhões de dividas. A sua celebridade, foi apenas devida á tragédia imprevista da sua morte—assassinado num teatro, por um mulato—precisamente quando ele acabava de decretar o fim da escravatura dos negros! Roosevelt—insinuava Knox—realizou um negocio secreto com o seu successor, Talf, que ele proprio impoz á presidencia sob a condição de Talf o fazer eleger de novo, após o seu mandato—em troca de alguns milhões; mas Talf, depois de receber o preço convencionado, lança-se numa luta feroz contra o seu protector e consegue ser reeleito—venceo Roosevelt! Wilson, o «Messias», o «Sonhador»—era um tarado, um pessimo chefe de familia, um mau esposo, um paranoico atacado por uma obsessão amorosa o que provocava continuas scenas conjugaes. Quando foi da conferencia da Paz, Wilson procurou por todas as formas evitar que a mulher o acompanhasse a Paris; esta, por sua vez, sendo, além de ciumentosa uma puritana até ao fanatismo não queria que o marido viesse para essa «Sodoma da depravação» que é Paris! Houve varias cenas politicas—*vaudevillescas* na Casa Branca até que lançou mão dum expediente para afastar a esposa de Washington (um falso telegrama annunciando a doença dum sobrinho, residente no Texas) em quanto ele embarcava para a Europa. Quando Ms. Wilson percebeu o logro—embarcou rapidamente para Paris. «Rara era a noite—conta um secretario do criador da Sociedade das Nações a Knox—que na casa parisiense de Wilson marido e mulher não se descompunham. E' que Wilson inventava todos os dias banquetes, conferencias, reuniões—para pandegar em certas boites discretas onde bebia *wisky* e onde se cercava de gentes *papillons*—o que lhe apressou a paralisia e a morte.

Mas a par deste fatalismo ridiculo dos habitantes da «White House»—outro segredo acompanha, desde Washington, todos os presidentes da America do Norte.

A Casa Branca ergue-se—diz a tradição—sobre um terreno onde outr'ora, ha muitos seculos, existiu uma especie de mausoleu dos indios Azis—(os azteques do norte ou seja a aristocracia dos peles vermelhas). Era ali que se enterravam, depois de embalsamados, os

seus reis e os seus sabios ou feiticeiros. Washington, que foi, já dissemos, o primeiro habitante, de White House tinha um criado indio que mal agorou, a escolha daquele terreno, para o palacio presidencial—dando a entender que o sacrilegio cometido pelos conquistadores havia de provocar a colera dos espiritos... Washington riu-se do aviso—mas ante uma serie de fenomenos inexplicaveis, tornou-se apreensivo. «Dir-se-ia que a Casa Branca serve de refugio a um ser maldito, invisivel nas horas em que lhe convem, mas que, quando quer se materialisa e se torna corporeo—escreve Knox.—» Uma noite em que Washington seroava no seu gabinete, com as portas fechadas esse ser—um monstro escaveirado e trajando de negro surgiu ao seu lado, não se sabe como e ordenou-lhe que não assinasse um decreto que favorecia o secretario do presidente—um tal coronel Roseberg. Washington desobedeceu a essa ordem supondo talvez ter sido vítima duma alucinação—e dois dias depois o secretario enforcava-se no seu quarto e ele proprio, Washington, ao atravessar um corredor, recebeu uma chicotada em pl. no rosto, vibrada, não se sabe por quem. «Todos os presidentes—prosegue Knox—teem sofrido a visita, o contacto, a vingança desse fantasma da Casa Branca; e se esta fatalidade não se espalhou ainda pela opinião publica é porque todos os presidentes se sentem vexados e procuram ocultar a toda a gente o misterio do seu palacio. Lincoln recebera dias antes do seu atentado, a visita do «Fantasma»—e como não se curvasse á sua vontade, este lhe annunciou para breve a morte, como castigo da sua desobediencia. A morte de Harding não discutida e tão o lhetnesca—não é caso unico. Em todas as presidencias se registam varios falecimentos e suicidios inexplicaveis, em *entourage* presidencial e alguns mais inigmaticos ainda do que o de Harding. Ha quem afirme que certas anomalias e contradicções da politica da Casa Branca—são consequencias da intervenção do «Fantasma» na acção dos presidentes que acabam, sempre, por se deixarem dominar. Rosevelt ordenando as obras totaes da White House as quaes com pasmo de todos, eram seguidas de perto por uma verdadeira legião de detectives, não tinha outro objectivo senão o de descobrir o segredo do palacio. Mas, pelo visto, o seus planos fracassaram. No livro «Memorias de um secretario particular de Wilson»—Harry Eckenrode revela que as ultimas palavras do presidente, já no delirio da febre foram as seguintes: «Diz ao Fantasma que eu faço tudo o que ele quiser, mas não me leveis mais para



O presidente Rosevelt—cujo secretario foi vítima do fantasma.

para a Casa Branca—senão ele não me deixa soco gar» (pag. 322). O proprio Hoover sofreu já a morte de dois parentes e tres funcionarios da sua secretaria, um dos quaes em circunstancia singular: picado por um *microymno*, especie de aranha gigantesca que só se encontra no Indo-China e cujo veneno é fulminante. Como quem a introduziu na alcova do infeliz secretario essa fera minuscula? Com que fim? Não existia duvida que se tratava de um crime visto que a policia investigando, soube que um intruso conseguiu penetrar nos jardins do Palacio, subir a janela do quarto da vitima, no segundo andar por meio de uma escada do jardineiro e quebrar os vidros ás janelas para introduzir na alcova o *microymno*. Encontraram tambem a caixa onde o *microymno* era transportado—e dentro dessa caixa uma femea morta, e petalas de flores orientaes, naturalmente para o sustento dos bichos. Que segredo real se oculta por de tráz desse fantasma inverosimil? Que misterio unifica o fantasma que visitou Washington e o que matou o secretario de Hoover—um seculo depois?



EM CIMA: Uma manifestação popular á «Casa Branca» de Washington.—EM BAIXO: O Presidente Hoover e sua esposa—vítimas do «Fantasma»



«Boletim do Instituto de Criminologia»

Por amável deferência do snr. dr. Xavier da Silva, illustre director do Instituto de Criminologia de Lisboa, recebemos, volume XIV do XI.º ano do *Boletim do Instituto de Criminologia*, magnifica revista que trata de assuntos de antropologia, policia científica, psiquiatria, criminologia e legislações, a única revista de especialidade em Portugal, indispensavel a todos os homens de leis, criminologistas, legisladores, etc.

O volume a que nos estamos referindo com mais de 300 páginas, insere preciosas collaborações de Nicola Palapoli, director de *La Palestra del Piroto*, italiano, de Alfredo Ary dos Santos, português, de Augusto de Oliveira, idem, dr. Virgilio de Sá Pereira, brasileiro, dr. M. B. Barbosa Soeiro, português, etc., etc. onde são abordados os mais interessantes problemas scientificos, além das costumadas secções de legislação, revista das revistas, bibliografia, etc.

Os nossos agradecimentos pela preciosa oferta.

## T. S. F. X.

(Conclusão da página 4)

os prazeres, toda a sua ancía de vida, toda a sua ancía de chorar—para que, dedicando-se com carinho maternal êle não sofria a tortura de a vêr sofrer. Ele, por sua vez—sendo mais inteligente porque é homem—compreende o calvário dêsse sacrificio, exige que ela se divirta e oculta, num bom humor histriónico, a dor que a dôr d'ela lhe causa. A mãe dêle vem viver com o filho e com a nora—mas a mãe—é preciso notar—é inglesa, como todos os outros personagens—inglesa aristocrática, culta, inteligente, viajada. Assiste ao drama, sofrendo com toda a sua alma de mãe—mas nem que a dôr enfraqueça o dinamismo cerebral. Sofre—como mulher—e pensa como um



Uma scena do 1.º acto do «Ciclone».—Robles, Vital e Maria Clementina

critico, como um juiz, como um dictador da humanidade que a cerca. Trata com amor, ternura e gratidão, a nora, porque mede até onde vai o seu sacrificio, mantendo-se carinhoso e falsamente feliz junto ao seu filho. Mas eis que chega um outro filho, irmão do inválido, cunhado de... E' jovem, é belo, é ardente... E a mãe do invalido assiste ao inevitavel. O seu filho são ama e é amado pela esposa do seu filho semi-morto. Assiste, sem que eles o pressintam, a luta desesperada daquelas duas almas, daqueles dois corpos que nemem toda a ignominia da sua fatalidade e que não têm força para resistir... Cinco anos de sobrehumana honestidade—e por fim, a queda. Ela vai ser mãe... E a sogra sabe-o. O invalido, em confidencia secreta com a velha lady, fizera-a jurar que o libertaria daquela ortura, quando os medicos o dessem por incurado e quando êle se tornasse em calvário para a mulher, que amava mesmo assim—meio homem, meio mumia... E a mãe, para evitar que o filho continuasse indefinidamente naquele inferno, sob ameaça de infernos peores ainda, para evitar que êle soubesse que a mulher já não o amava como esposa mas só como irmã, que a esposa era amante do irmão, que estava para ser mãe; para evitar que a nora, que tanto se sacrificára já, sacrificasse o seu amor; para evitar que cometesse um crime contra uma vida ainda em esboço em favor de uma vida que era já morta; para evitar que o outro filho continuasse a chapinar num amor-peccado quando esse amor era digno da luz—não hesita; ferece ao invalido, os meios de se envidiar

inglês (o teatro inglês está derrotando o teatro francês e italiano) que a companhia do Nacional mantem no cartaz, que Palmira Bastos, Amelia Rey Colaço, Maria Clementina, Raul de Carvalho, Robles Monteiro, etc. desmpz-nham num conjunto como há muito tempo não vimos; e que as «Novidades» queriam que o governo proibisse, e que o «Seculo» defendeu energeticamente. Ha quem discuta com intelligencia; ha quem chame imoral a obra; ha quem a intitule inverosimil. Nem imoral, nem inverosimil. Não é imoral—porque onde ha grandesa d'alma não ha imoralidade. Não é inverosimil, porque se uma mãe portuguesa não seria capaz de fazer o que fez a heroína da peça, porque sobrepõe à lógica o amor; uma mãe inglesa, sobrepõe o cerebro ao amor—ou ao serviço do amor... Mas—que se discuta—mas nunca que se prova. E esta attitude define bem o atrazo em que este país se encontra... O «Ciclone»—percorre o mundo (foi representado em 22 países e em onze idiomas) e nunca, até hoje um jornal a chamou imoral. O «Seculo» encolerisou-se; nós—envergonhamo-nos.

O «escroc» internacional do «Palace» Há coisa de um ano o «Reporter X» lançou um rádio sobre a existencia dum estrangeiro de nacionalidade indecisa—dinamarquês? Inglês Belga—que vive no Palace, que é cortejado pelos magnates da finança e que se diz embaixador duma grande companhia inglesa. Ha poucos numeros, numa «Carta a toda a gente», voltamos ao assunto, insinuando que havia centenas de burlados, na venda de terrenos em troca de obrigações da tal companhia inglesa—companhia que, segundo as nossas informações, não existia. E profetisavamos para breve, o grande escândalo. Pois bem: nós, que somos os fantasistas, os lunaticos, os utopicos, ha um ano que conheciamos esse escândalo. Ha poucos dias os jornaes annunciaram que a policia andava na pista dum estrangeiro que se hospedára no «Avenida Palace» e que burlara muitos portugueses em centenas de contos. Se nós fantasiamos—e os outros não fantasiam, porque é que os outros não acertam o passo connosco?

Mas existe outro comentário: este «escroc» levantou dos varios capitalistas o dinheiro que quiz; quando um nacional honesto propõe negocios honestos—não ha um único financeiro que o auxilie. Não lamentemos, pois, os burlados.

Para Porto de Honra

Winha // DADA //

## A estranha bagagem de M.me Perestrelo

(Conclusão da pag. 11).

varias vezes me evocaram o mesmo segredo. Em Janeiro do ano passado alguem me avisou que M.<sup>me</sup> Perestrelo estava no Palace, vinda do Brazil e aguardando o sud. Enviei um reporter para a entrevistar... Nem sequer o recebeu. Aquella confidencia, do meu visinho do camarote, avivou-me a curiosidade—e nessa mesma noite agia de forma a saber, em detalhe, o que se passára na fronteira. Eis a carta elucidativa que acabo de receber. «M.<sup>me</sup> Perestrelo passou algumas semanas em Nice e esteve parte de fevereiro em Madrid, hospedada no «Ritz». Como a maioria das suas antigas relações emigrou com o novo regimen—a sua existencia em Espanha devia ser-lhe bastante solitaria e monotona. Ha tres anos a esta parte viaja com uma petizinha de tenra idade—um verdadeiro baby de trapos em estilo milanez que uns julgam ser sua filha e que outros dizem ser uma orfã que ella adoptou. Nos principios de março deu-se um escândalo que precipitou a sua saída de Madrid. Como sabes M.<sup>me</sup> Perestrelo viaja com um chimpazé que lhe custa um dinheirão diario a tratar e sustentar. Os criados do hotel temiam-no e detestavam-no. Certa noite o animal conseguiu saltar-se e trepando por um cano de agua do patio interior invadiu um quarto do seu appartement. O que se passou não sei; o que sei, sim, é que os criados assustaram-se, houve berreiro, intervenção do gerente que, ao entrar no quarto encontrou uma das maiores e mais extravagantes malas da milionaria arrombada. O que elle anteviu ou julgou ver—foi de molde a perturbal-o e a solicitar uma conferencia secreta com o commissario da policia. Quando se dispunham a pedir explicações a M.<sup>me</sup> Perestrelo—já esta pagara a conta e ia a caminho de Portugal. Telegrafou-se para a fronteira—e desta vez não houve gorgeta nem truc que impedisse ás auctoridades abrirem as suas malas. Qual não foi a surpresa dos carabinieri e aduaneiros ao constatarem que a tal mala continha o cadaver embalsamado de uma joven dos seus 18 ou 19 anos trajando á moda do principio do seculo. M.<sup>me</sup> Perestrelo perdeu os sentidos e o chimpazé, se não o dominam a tempo, dava cabo do funcionario que devassara esse segredo. Segundo as declarações de M.<sup>me</sup> Perestrelo o seu grande e unico amor na vida era aquella sua irmã, mais velha do que ella alguns anos e que foi como que sua mãe, no carinho com que a tratava—apezar da tuberculose a levar em plena juventude. A' força de dinheiro conseguiu que um medico do Rio a embalsamasse, e quando pela primeira vez, resolveu viajar pelo mundo—não quiz separar-se do cadaver... «Era como se a minha pobre irmã morresse outra vez!» Junto envio-te algum material para illustrares a tua reportagem, retratos e uma carta de Bernard Shaw que ella, na precipitação se esqueceu no «Ritz». Teu velho.»

E' tudo quanto consegui apurar sobre este misterio embora, sinceramente, creia que a explicação dada não é a verdadeira. Ah! E uma confissão: todos os detalhes são exactos—menos o do nome. Um dever de... piedade obriga-nos a occultar o nome da heroína desta aventura. M.<sup>me</sup> Perestrelo—não se chama M.<sup>me</sup> Perestrelo... Mas para aqueles que a

## As antigas formulas e os perigos das especialidades farmaceuticas

(Conclusão da pag. 9)

(toda a gente é medico-amador, em Portugal...) nos aconselha a tomar esta ou aquela especialidade que lhe deu bom resultado ou que o curou. E o doente, em vez de ir ao medico e pagar a visita para que este lhe indique o caminho da salvação fisica—vai directamente á farmacia e compra a especialidade. E assim, de uma forma geral, os medicos, por um comodismo inexplicável estão ferindo seriamente os seus negocios, perdendo muita clientela; e os doentes, por sua vez, são prejudicados porque, pagando mais caro do que lhes custaria as antigas formulas, arrisca-se a graves erros, auto-medicando-se.

«Você não pôde calcular sequer o que essas especialidades custam ao paiz! Tive ha pouco tempo, na mão, algumas estatisticas referentes ao assunto. Só no ano de 1930 gastaram-se perto de 18 mil contos—dos quais parte de trez terços foram para o estrangeiro...



E para rematar: «Os medicos que pensam um pouco na grave ameaça que representa para elles—e para o publico o desenvolvimento constante e exagerado das especialidades farmaceuticas. A propria Alemanha deu já o alarme. E foi um jornalista—Siegmund Walter—quem alvoroçou o publico e o governo a este respeito—mas as suas revelações eram bem mais graves do que succede em Portugal. Provou elle que havia, em todo o paiz, centenas de medicos associados a algumas fabricas de produtos farmaceuticos, convencionando-se entre uns e outros certos sinais cabalísticos nas receitas indicando se o remédio receitado podia ser... de verdade ou apenas uma mistificação—conforme o estado do doente. Na primeira hipotesis, o medico recebia apenas uma comissão; na segunda recebia 2/3 do preço do medicamento, visto que o seu unico valor era o da... embalagem e que, o seu conteúdo se compunha ou de agua assucarada, ou simples farinha, etc. Mas se foi possível na Alemanha tal escandalo—a severidade do castigo reabilita o paiz e a propria classe medica porque foram as associações medicas quem primeiro julgaram e condenaram energicamente os medicos criminosos!»

Este número do «Reporter X» tem 16 paginas a duas côres, custa 1\$00 e foi visado pela Comissão de Censura

## Como são roubados os Diamantes de Angola

(Conclusão da pag. 6)

—Pois ha muita gente que os conhece e que está caladal

### O quartel general de Wescel—O homem do rápido de Benguela—Uma estatística macabra

Não sei porquê, Wescel fez-me confidencias, Talvez palpitasse no animo do aventureiro a necessidade de desabafar o muito que vibrava dolorosamente na sua alma.

O quartel general de Wescel era em Maladi, numa casinha humilde da Buála. E o seu negocio consiste em comprar os diamantes roubados nas minas da Lunda e collocá-los, por intermedio dos seus agentes em algumas das capitais europeias, nos mercados do velho mundo. E, porem, em Anvers que Wescel possui o grande centro da sua actividade. Durante muitos anos negociou em armas, exerceu os mais variados misteres—desde guardalivros duma empresa metalurgica até condutor de carroças. Carregou sacas de carvão em Liverpool, deu serventia a pedreiros em Paris e em Roma, foi hoteleiro. Um dia meteu-se a negociar em estufefacientes. Perseguram-no e viu-se forçado a emigrar para o Congo Belga. Depois de muitas vicissitudes embrenhou-se pelos matagais, iniciando o negocio dos diamantes. Prosperou, viajou e hoje, segundo disse, tem uma fortuna consideravel depositada num dos mais importantes bancos ingleses, sob um nome suposto.

Com espanto vi aquele homem falar comovidamente em alguém que está longe: um filhinho que possui e que se encontra num internato alemão, em Hamburgo. —«E' ainda pequenino—titubiou o mestiço—muito loiro. Daqui a algum tempo, quando já possuir o suficiente para que elle não venha a sentir dificuldades, d-ixo isto tudo e vou para qualquer aldeias da Belgica acabar os meus dias.

E nos olhos de Wescel—nos olhos daquele aventureiro que tem manchas na alma e sangue nas mãos—tremeluziam algumas lagrimas furtivas ao referir-se ao seu pequenito, ao seu Carlos de cabelitos doirados.

Sob a crôsta bruta e grosseira do aventureiro e do criminoso, palpitava, de facto, um coração de homem!

Passados mezes, em Luanda, em conversa com o Snr. Jorge de Melo Silva, ex-agente da «Diamang» e velho colonial, foram-me prestadas as seguintes informações:

—Wescel é um autentico «homem-fantasma» para os detectives da Companhia. Todas as vezes que julgam ir deitá-lhe a mão, elle escapa-se milagrosamente, escorrega-lhes quasi por entre os dedos, como uma serpente, e deixa sempre a

sua passagem tristemente assinalada por um cadaver de qualquer agente da «Diamang». Desde 1930 que Wescel, friamente, com a sua esplendida carabina, abateu seis dos melhores espões. Segundo o «dossier» que existe sobre o aventureiro, em quatro anos de façanhas ilegais, roubou á policia de Paris, Marselha, Londres e Cap-Town, perto de quinze agentes categorisados. E ha pouco tempo, o misterioso caso que ficou sendo conhecido pelo titulo novelesco de «o homem do rápido de Benguela», não passou de mais uma das muitas façanhas do Wescel. Viajando num comboio que se dirigia do Lobito para a fronteira com a União Sul-Africana, Wescel descobriu que era seguido pelo detective inglés James Smith, ao serviço do «Diamang». Num instante se resolveu a pôr ponto nessa perseguição e, penetrando no compartimento onde o detective viajava sózinho, atacou-o, amordaçou-o solidamente dando-lhe em seguida, tão forte pancada na frente que o pobre Smith permaneceu sem acordo durante muitas horas. Sem se deter, Wescel tocou a campanha de alarme e logo que o comboio estacou, saltou da sua carruagem e occultou-se no matagal. Daí a semanas era visto em Vila Teixeira de Souza, calmo e sorridente, fazendo compras com o ar mais pacifico deste mundo. E o Snr. Silva, com um sorriso concluiu:

—Aquêlê demonio do Wescel é a sombra negra dos detectives da Companhia. Brinca com elles como um gato com os mais bisonhos ratinhos...

### Os agentes de Wescel na Europa—Quem é o agente n.º 16, em Lisboa?

Wescel tem agentes em Roma, Berlim, Bruxélas, Amsterdam, Madrid e Lisboa. Assim m'o asseguraram pessoas fide dignas e assim m'o confessou o proprio Andries. Quem são esses agentes? Apenas lhes posso indicar os nomes que são, respectivamente, Giovanni Lapzenzo, Marge Mylas, Pierre Sullivan, Josua Kripekera Leandro Casal e... O nome do agente de Lisboa não nos pertence. O numero que lhe cabe é o «16» e segundo nos consta, trata-se de um individuo que defendeu tésse em Coimbra, foi se-retariô de um ministerio no ultimo periodo do regime monarchico e é, actualmente, bastante conhecido pela sua assiduidade na «Garret», pelos esplendidos cravos vermelhos que ostenta na lapela pelas suas luvras avermelhadas e pelo pequeno defeito fisico que lhe arrepanha a face esquerda num «rictus permanente... E' tudo quanto dele podemos dizer. O resto pertence aos detectives da «Diamang». E' natural que tambem lhes chegue a vez de nos dizer qualquer coisa de inédito e de nos mostrar a sua inegalável argucia!

**Fixador**  
**NALLY**



*Doma os cabelos d'uma ma-  
neira absoluta*